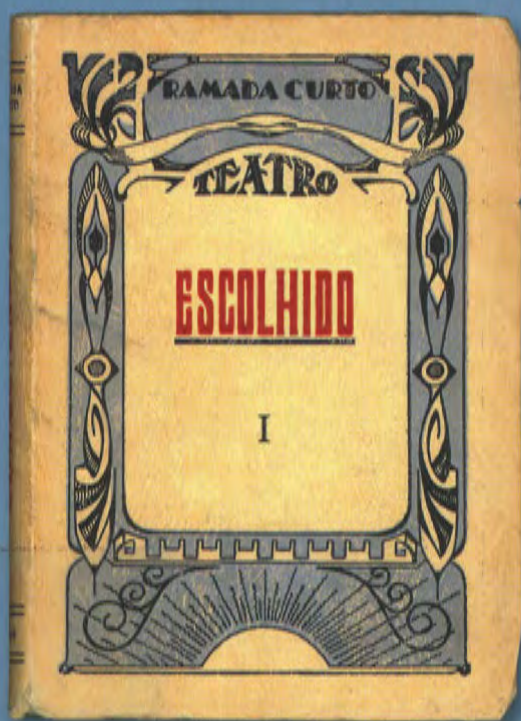


# RAMADA CURTO TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica  
de DUARTE IVO CRUZ



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES



OFERTA

82.1343  
EVR, R 1

BIBLIOTECA  
DE AUTORES  
PORTUGUESES

RAMADA CURTO  
TEATRO ESCOLHIDO

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS  
ULFL  
147431  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

*Título:* Teatro Escolhido  
Vol. I

*Autor:* Ramada Curto

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Setembro de 2004

*ISBN:* 972-27-1346-9

*Depósito legal:* 215 392/04

# RAMADA CURTO

## TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica  
de DUARTE IVO CRUZ

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

# O ESTIGMA

[1905]

## O ESTIGMA

### PERSONAGENS:

D. MADALENA, 50 anos  
CLARA, 19 anos  
MANUEL, 24 anos  
TIO JOÃO, 60 anos  
DR. SEQUEIRA, 50 anos  
ANSELMO, criado velho

*Época da acção: 1903.*

### I ACTO

*Uma sala em casa de D. Madalena. Ao fundo, do lado esquerdo, um envidraçado com duas saídas separadas para o jardim; dos lados, dois vasos sobre suportes de madeira com plantas de sala; à D., sobre a pedra dum fogão, um relógio, jarras pequenas e dois castiçais e, por cima, pendurado na parede, um grande retrato a óleo representando um homem ainda novo. A um dos lados da cena, um sofá baixo, pequeno, em veludo vermelho, da mesma cor dos reposteiros das portas, com duas poltronas aos lados. Do lado oposto, uma secretária preta com livros, papéis, um tinteiro, e tendo em frente uma cadeira de couro com pregos amarelos. Nos intervalos das portas dum lado e doutro, dois contadores com bibelots e flores. Cadeiras, etc.*

*A mesma cena em todos os actos.*

CENA I

MANUEL, CLARA e D. MADALENA

(Clara, sentada no sofá, enrola um novelo de fio; Manuel, numa banquetta pequena a seus pés, segura nas duas mãos a meada, ajudando-a a dobar. D. Madalena está sentada na poltrona.)

CLARA — Tem cuidado. Não voltes a mão antes do tempo. Agora... Isso, assim...

MANUEL — Já vai melhor. É questão de prática.

CLARA (rindo) — A mamã já viu; parece um aleijado.

MANUEL — Ora qual! Eu até faço isto com muita graça... Em pequeno sabia eu uma cantiga que me recorda isto. Era assim (canta, fazendo gestos com a mão): «Rodriguinho do campo, namoradinho, como vai grave, requebradinho.»

CLARA — Está quieto. Que desastrado! Ora vês...

D. MADALENA (tirando a meada das mãos de Manuel) — Dá cá isso. Embrulhaste-me tudo. Eu logo vi... Que demónios estes. Dêem cá.

CLARA — Eu não tive a culpa, mamã. Foi ele que não tem jeito nenhum.

D. MADALENA — Vês; está aqui uma embrulhada que ninguém a entende. Ora isto!... Vão-se embora, vão. Não servem para nada.

MANUEL — Eu agora prometo ter juízo.

D. MADALENA — Nada, nada...

CLARA (beijando-a) — Não ficou zangada comigo, a minha mamã Lena?

D. MADALENA (sorrindo e beijando-a também) — Não, querida.

MANUEL (tenta abraçá-la) — E então eu, mamã? Não tenho nada...

D. MADALENA (rindo, tentando afastá-lo) — Não, não. Tu és um desastrado, vai-te.

MANUEL — Oh! Mamã.

CLARA (*abraçando-a*) — É só para mim... é só para mim... Surriada.

MANUEL — Não senhor, não é justiça. Eu vou fazer valer os meus direitos. (*Abraça-a do outro lado, beijando-a. Clara puxa-a para si.*)

D. MADALENA — Deixem-me, demónios, que me afogam... Estejam quietos... Deixem-me.

## CENA II

Os mesmos e o Tio João, que entra do fundo

TIO JOÃO (*parando a meia cena, olhando os três*) — Bonito grupo, sim senhor, bonito grupo!

CLARA (*desprendendo-se*) — Olha, o Sr. João!

MANUEL — Meu tio, por esta casa...

TIO JOÃO — É verdade. E olha que me custou bem a cá deitar. É longe e eu estou velho. (*A Clara.*) Menina Clara, como passa... Tu, rapaz, como vais... Adeus, Madalena. De saúde, hã!

D. MADALENA — Bem... Senta-te, vens cansado.

TIO JOÃO (*sentando-se no sofá ao lado de D. Madalena*) — Ralhavas com eles, hem! Alguma te fizeram...

D. MADALENA — São uns malucos... Quase que me afogavam... (*Tentando desembaraçar o fio.*) Ora vê tu como eles me embrulharam tudo.

TIO JOÃO — Dá cá, eu ajudo-te.

D. MADALENA — Mas é que está emaranhado de tal forma...

TIO JOÃO — Deixa ver. (*Ajuda D. Madalena.*)

CLARA — Vês! Por tua culpa. Que prazer tiveste nisso?

MANUEL (*em voz mais baixa*) — O prazer de estar ao pé de ti a olhar-te... Se aquela meada não tivesse fim, Clarita?!...

CLARA (*sorrindo*) — Maluco...



TIO JOÃO — O mal já está remediado.

D. MADALENA — Também hoje não faço mais nada.

TIO JOÃO — É no que te entreténs?

D. MADALENA — É. Distraio-me. Não tenho com quem falar...

TIO JOÃO — Então não tens aqui tão boa companhia? A menina Clara...

D. MADALENA — Quando ela está...

CLARA — Eu venho sempre que posso. O papá sai de manhã, só volta à tarde para jantar. Fico eu sozinha e a mamã... Se vou a deixar uma só para vir acompanhar a outra, têm ciúmes e fica uma mal comigo. Reparto o tempo o mais igualmente possível entre as duas minhas mamãs. E a mamã Lena podia muito bem ir lá a casa um dia por outro. Ainda ontem o papá o disse... Mas não quer...

D. MADALENA — Não é não querer, filha...

MANUEL — À mamã mesmo lhe faria bem sair um bocado.

TIO JOÃO — Decerto.

MANUEL (*que tem subido até junto do envidraçado*) — Hoje, por exemplo, que está um dia lindo.

CLARA — A mamã lá ficou sozinha. E o papá combinou comigo vir buscar-me às cinco horas para jantar. Não pode tardar muito.

MANUEL (*junto ao envidraçado ainda*) — Que delicioso dia! Clarita, queres vir dar um passeio no jardim?...

CLARA (*olhando D. Madalena e Tio João*) — Deixamo-los sós...

MANUEL — O tio João não repara... Se é por isso...

TIO JOÃO — Vá, menina Clara, vá. Por mim não se prenda. Os velhos também se entretêm uns com os outros...

CLARA — Então se a mamã Lena dá licença...

D. MADALENA — Vai, filha, vai.

CLARA — Vou fazer um bonito ramalhete de azáleas para lhe trazer. (*Ao Tio João.*) Gosta de azáleas, Sr. João?

TIO JOÃO — Não conheço essa flor.

CLARA — Pois vai ver como são lindas.

MANUEL — Então, vens?...

CLARA — Vamos lá, até já. (*Saindo, a Manuel.*) Vamos a ver o que dizem hoje os malmequeres...

MANUEL — Ora, os malmequeres são uns grandes mentirosos.

CLARA — Não são, não senhor. Dizem sempre a verdade. (*Saem, falando os dois.*)

### CENA III

#### D. MADALENA e o TIO JOÃO

TIO JOÃO — É encantadora esta Clarita, não achas?

D. MADALENA — É adorável.

TIO JOÃO — E está uma senhora. Quando me lembro que andei com aquilo ao colo. Faz-nos velhos. Que idade tem ela já?

D. MADALENA — Menos seis que o Manuel. Tem vinte, segundo creio. O que eu devo a esta criança! É tão boa, tão meiga... Estou de tal modo habituada à sua companhia que não posso passar um dia sem ela.

TIO JOÃO — Foi uma felicidade para ti travares relações com esta família. Nunca te tem deixado. O doutor, então, é um belo homem.

D. MADALENA — E a mãe uma santa senhora. A bondade em pessoa. E depois, como moramos tão perto, basta atravessar a rua, nunca estou só... A pequena vem para aí quase todos os dias. Outras vezes vou eu para lá passar o dia com a D. Joana. Mas poucas... Não gosto de sair.

TIO JOÃO — E o Manuel vai também?

D. MADALENA — Quase sempre. O doutor, então, é tão amigo dele! Trata-o como se ele fosse um segundo filho.

TIO JOÃO — Estima-o então muito?

D. MADALENA — Não calculas. Está sempre a elogiá-lo. Passam horas inteiras conversando os dois...